

FH avalia desempenho de Lula:

FOTO: ROGÉRIO MONTENEGRO

Augusto Nunes

Que nota Lula merece? A resposta vem sem pausas, não há sinais de hesitação.

– Quatro – decide o sociólogo que conquistou uma cátedra da USP com 37 anos.

Se quem reprova é o professor, quem explica a nota baixa é o político Fernando Henrique Cardoso:

– Lula é um tático, tem uma intuição muito forte. É um pragmático que nunca teve consciência ideológica. Age por instinto, de acordo com as circunstâncias.

Que circunstâncias estariam orientando no momento o desempenho Lula?

– Ele está concentrado na reeleição, preocupado com as conveniências pessoais. Não com os interesses do país.

Em oito anos na Presidência – em um século de República, só Getúlio Vargas sobrou por mais tempo o bastão de mando – Fernando Henrique ganhou experiência, virou sigla (antes de FH, só houve apenas JK e ACM), viu muita coisa. Mas não viu tudo. Aprendeu algo com Lula?

– Acho que não – informa FH. – Não pretendo desdenhar do Lula, não. Jamais o menosprezei, respeito a competência que mostra para afastar-se de questões de risco. O problema é que o atual governo não inovou em nada. Veja as diretrizes econômicas: são praticamente as mesmas do meu tempo.

Um exagero, decerto diriam partidários do presidente. Até FH deve admitir que os programas sociais avançaram notavelmente, certo?

– Também aí não houve mudanças sensíveis – discorda o ex-presidente. – Eles pegaram os programas sociais do meu governo e juntaram todos no Bolsa Família. A diferença está no barulho que fazem diante de qualquer resultado.

Se nada tem a aprender, certamente tem conselhos a dar. Quais ofereceria a Lula?

– No lugar dele, eu não estaria dormindo feliz – começa. – Nem tão seguro.

Para FH, Lula se comporta como quem efetivamente acredita que jamais será alcançado por denúncias de corrupção. Intrigado, o ex-presidente invoca a “teoria do curto-circuito”, que a cabeça do sociólogo aperfeiçoou.



Na sala da presidência do Instituto Fernando Henrique Cardoso, o dono do nome analisa o desempenho do sucessor

Nessa formulação, cenários politicamente instáveis sofrem alterações agudas quando incorporam um elemento explosivo: o “fator precipitador”, elemento altamente combustível em situações extremas.

“É difícil acreditar que o Lula não tenha sabido de nada. É muito difícil”

– Os caras-pintadas, favorecidos pelo clima de agitação que o PT criou, foram o fator precipitador do impeachment do presidente Fernando Collor – recorda. – No escândalo do mensalão, o papel coube a Roberto Jefferson.

E neste tórrido outono? Pode ser o caseiro Franceinaldo Costa, o Nildo, especula FH. Segundo a teoria que desenvolveu amparado num original americano, o fator precipitador provoca perigosos movimentos subterrâneos que logo ricocheteiam na superfície. Esse elemento perigoso, ensina, costuma aparecer quando uma nação chega à fronteira que separa a indiferença da indignação. Pode ser. Mas Lula, fiel ao manual dos intuitivos, não é de perder tempo com tais requintes. Prefere saborear pesquisas de opinião.

Como não é candidato, FH não tem frequentado os levantamentos de abril, concentrados na disputa eleitoral. Enquanto visitou pesquisas, os índices de FH em nada lembraram um antigo campeão de popularidade.

“No meu governo, não houve corrupção sistêmica. Só casos pontuais”

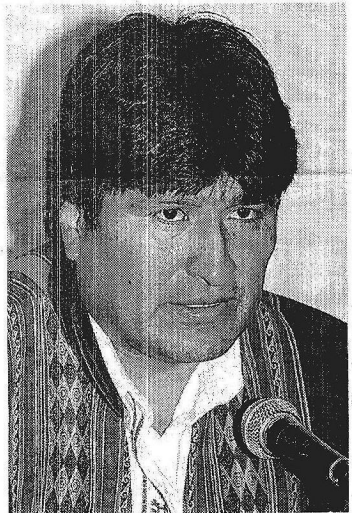
Se a eleição ocorresse neste abril, o candidato Fernando Henrique não teria chances de desfrutar do terceiro mandato. É o avesso do cenário desenhado nos bons tempos do Plano Real: hoje, o ex-presidente não está bem no retrato. Acha-se injustiçado, mas jura que não se espanta com a mudança dos ventos.

– No Brasil esse fenômeno é recorrente. Basta lembrar a história do JK.

É uma história tristonha, mas bastante pedagógica. Em 1961, o presidente Juscelino Kubitschek exibia escoriações generalizadas ao transmitir o cargo ao adversário Jânio Quadros. As marcas resultavam de sucessivas denúncias de envolvimento em cargos de corrupção. No discurso de posse, Jânio tratou com polidez quem saía. Logo



“O Lula nunca foi de esquerda. É conservador, não tem consistência ideológica”



“A eleição de Evo Morales acaba com a exclusão dos índios bolivianos”



“Sou muito amigo de Romano Prodi. Ainda hoje vamos conversar por telefone”